

PODER/ Ex-presidente teve evolução positiva em quadro renal, mas a equipe médica que o acompanha no hospital aumentou tratamento com antibióticos. Ele segue na UTI, ainda sem previsão de alta, e recebeu visitas ontem

Bolsonaro apresenta melhora

» EDUARDA ESPOSITO
» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

O ex-presidente Jair Bolsonaro teve melhora na função renal. Contudo, os marcadores inflamatórios sofreram uma elevação, de acordo com o boletim divulgado pelos médicos que atendem Bolsonaro e pelo hospital DF Star ontem pela manhã. Devido a esse fato, a equipe de saúde ampliou a cobertura de antibióticos, o que causou inchaço no corpo do ex-presidente, segundo seu filho, o ex-vereador paulista Carlos Bolsonaro.

Após visitar o pai no final da tarde, Carlos deixou o local sem conversar com a imprensa, mas relatou o encontro nas redes sociais. “Desta vez, conversamos menos. Seu corpo está visivelmente muito inchado, em razão dos antibióticos, e seu estado psicológico segue naturalmente irritado diante de tudo o que está acontecendo”, disse.

Bolsonaro está internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI)

desde a última sexta-feira, e não há previsão de alta. Os médicos responsáveis pelo ex-presidente afirmam que ele deve ficar internado por, pelo menos, sete dias, prazo que pode ser estendido a depender da reação de Bolsonaro ao tratamento para a broncopneumonia bilateral que o acomete. O boletim também afirma que ele precisou intensificar as fisioterapias respiratória e motora.

Em uma postagem nas redes sociais, Carlos Bolsonaro também denunciou a dificuldade que os advogados do ex-presidente têm tido para conseguir visitá-lo na UTI do DF Star. E, por isso, ele mesmo precisou tratar de assuntos em nome da defesa. “Caminhamos com algumas informações que precisam evoluir rapidamente com os advogados, mesmo que eles estejam

sendo dificultados de visitar o presidente. A ideia é acelerar mais uma ação que garanta, antes de tudo, a preservação de sua vida”, afirmou.

A família de Bolsonaro usa essa internação como uma justificativa para o pedido de prisão domiciliar.

Seu corpo está visivelmente muito inchado, em razão dos antibióticos, e seu estado psicológico segue naturalmente irritado diante do que está acontecendo”

Carlos Bolsonaro,
ex-vereador por SP



Bolsonaro está internado no hospital DF Star desde sexta-feira e trata quadro de broncopneumonia

Preocupação

Nos bastidores, aliados e familiares do ex-presidente expressam preocupação, já que Bolsonaro demora a pedir ajuda quando passa mal e, por isso, ficou tanto tempo sofrendo com o mal-estar na última sexta-feira. Amigos defendem que, quando está em casa, a

ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro fica cuidando dele de madrugada e consegue oferecer assistência logo nos primeiros momentos quando há alguma intercorrência.

O ex-presidente passou mal durante a madrugada de sexta, em sua cela na Papudinha, onde cumpre pena de 27 anos e três meses de prisão por tentativa de golpe de

Estado, condenado pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

Ele apresentou febre, vômitos, soluços e falta de ar, e foi atendido, inicialmente, pela equipe médica que o acompanha na penitenciária. Os profissionais de saúde identificaram necessidade de encaminhamento a um hospital e confirmaram a decisão com os médicos

que já atendem o ex-presidnete. Entre eles, o cirurgião Claudio Birlolini.

De acordo com a equipe que o atendeu, Bolsonaro desenvolveu um quadro grave de infecção, que se espalhou rapidamente. A situação é agravada pelos problemas gastrointestinais que o ex-presidente sofre desde o atentado a faca do qual foi alvo, em 2018.

Carlos Bolsonaro ressaltou o tempo de atendimento em sua postagem. “Conversei com os médicos, que foram muito claros: mais uma ou duas horas no estado em que ele se encontrava e, muito provavelmente, a morte teria ocorrido”, destacou em seu texto.

Defesa de Flávio

Carlos também saiu em defesa do irmão, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), após ele ser criticado por ter participado de um evento político enquanto o pai está internado. Carlos disse que adversários tentam construir uma narrativa de que Flávio estaria “celebrando” durante a agenda partidária realizada em Rondônia.

Flávio compareceu a um evento do partido, no qual lançaram o senador Marcos Rogério (PL-RO) para a pré-candidatura ao governo estadual, o deputado Fernando Máximo, ex-União Brasil que se filiou ao PL durante a janela partidária, e o pecuarista Bruno Scheid para o Senado Federal.

Jonas Pereira/Agência Senado



Discussão está, no momento, concentrada na Câmara dos Deputados

Fim da escala 6X1 gera guerra no Congresso

» RENATO SOUZA

A redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais e, conseqüentemente, o fim da chamada escala 6x1 gera uma guerra nos bastidores do Congresso Nacional, especialmente entre os deputados. A reportagem do **Correio** conversou reservadamente com parlamentares, assessores e técnicos legislativos para avaliar como está a tramitação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que trata do tema. Nos bastidores, parlamentares do Centrão e da direita, principalmente do PL e do Novo, tentam jogar a votação para novembro, após o período eleitoral.

A avaliação é de que, se a PEC for aprovada antes da votação em primeiro e segundo turno, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a deputada federal Erika Hilton (PsoL-SP), autora da proposta, e demais integrantes de partidos de esquerda vão se beneficiar da decisão do Congresso. Fora isso,

congressistas ligados a setores com grande participação na economia, como o comércio varejista e indústria, temem impacto fiscal importante para o empresariado. Após as eleições, de acordo com avaliações na Câmara, mesmo que Lula consiga ser reeleito, não teria força suficiente para garantir o andamento desta pauta.

Com a pressão do período eleitoral fora do radar, os deputados e senadores poderiam se concentrar em uma espécie de atualização da reforma trabalhista aprovada em 2017 para conceder benefícios para a classe trabalhadora, mas sem mexer na jornada de trabalho e na vedação à escala 6x1. O discurso seria de que os trabalhadores poderiam negociar diretamente com a empresa diversos aspectos da legislação trabalhista, inclusive, eventuais mudanças na jornada de trabalho.

“Depois da eleição não passa. É uma pauta extremamente popular, mas que encontra barreiras entre

os congressistas, já que quase 80% (do Congresso) é ligado ao setor empresarial”, afirma uma fonte da área técnica da Câmara. O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, tem conversado com aliados e empresários para construir uma agenda econômica. Entre as medidas em avaliação está enterrar a proposta de redução da jornada de trabalho, mas se concentrar em uma reforma trabalhista.

Flexibilização

Ele tem afirmado que muitas regras aprovadas em 2017 foram anuladas pelo Poder Judiciário, retirando autonomia do Congresso para decidir regras do setor. A ideia seria aprovar regras mais consistentes, inclusive, por meio de uma PEC, que não seria alvo de suspensões da Justiça de primeira instância. No Supremo Tribunal Federal (STF), a avaliação é de que a Corte tem uma tendência maior

a flexibilizar as leis trabalhistas e permitir mudanças mais profundas, principalmente com o fundamento de que a legislação precisa se adaptar a mudanças promovidas pelo avanço da tecnologia e pelas novas práticas do mercado de trabalho, frente uma legislação que tem como base um texto da década de 1940.

Por outro lado, a esquerda tenta se apoiar em movimentos populares e pesquisas para pressionar os demais setores do Congresso a avançar com a pauta. Um dos argumentos é de que a jornada exaustiva gera prejuízos econômicos, pois resulta no afastamento de centenas de milhares de trabalhadores por ano em razões de problemas psicológicos e esgotamento físico. O argumento é de que a redução da jornada iria aumentar a produtividade e movimentar a economia, pois as pessoas gastariam mais com eventos, serviços, roupas e turismo, mesmo dentro das próprias cidades.



SERGIO ABRANCHES

O NOVO MODO DE GUERRA É CRUEL E IMPRECISO. ELE EVITA TROPAS NO CHÃO E RECORRE A BOMBARDEIOS COM MÍSSEIS E DRONES, EM MUITOS CASOS GUIADOS POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. MINIMIZA AS VÍTIMAS NO LADO DOS ATACANTES E MASSACRA CIVIS NO OUTRO LADO.

A guerra dos amadores

No décimo quinto dia da guerra, no último sábado, Donald Trump pediu socorro a países europeus e à China para reabrir o Estreito de Ormuz. Mostra o amorismo do presidente americano. Era óbvio que para começar uma guerra com o Irã seria necessário pensar em como neutralizar a arma estratégica do país, o controle do estreito. O maior risco global no curto prazo tem nome, Donald Trump. Ele toma decisões por impulso, sem estratégia e sem planejamento.

Está cercado por assessores inexperientes, que agem mais com motivações ideológicas ou por impulso, como Pete Hegseth, secretário de Defesa, e Marco Rubio, secretário de Estado. Toma decisões sem analisar seus efeitos colaterais e com dados ultrapassados ou parciais e erra muito.

Foi um dado desatualizado que levou ao erro mais grave da guerra, o bombardeio de esco-

la para meninas no Irã, em que morreram 160 crianças. O equívoco se converteu em crime humanitário.

A guerra contra o Irã comprova esse quadro de amorismo. Animado pela facilidade com que sequestrou o ditador venezuelano Nicolás Maduro, atacou o Irã sem motivo defensável, subestimou a reação iraniana, não tinha plano para o estratégico Estreito de Ormuz. O ataque foi objeto de muitas mudanças de rota e declarações tão mentirosas e improvisadas quanto a própria ação militar.

Começou com o objetivo de derrubar o regime, enfraquecendo-o com os bombardeios e levantando a população contra ele. Não deu. Ficou animado com a morte de Ali Khamenei, doente e debilitado, e de outras lideranças. Não avaliou a hipótese de haver substitutos prontos para assumir.

A guerra serve aos interesses de Benjamin Netanyahu, que

se aproveita do pretexto para ampliar territórios ao norte, no Líbano, após ter avançado a Sudoeste, em Gaza e a oeste, na Cisjordânia. A expansão não garante a segurança de Israel, nem estabiliza a região. Ao contrário, alimenta a hostilidade árabe-palestina contra os israelenses. Ajuda apenas Netanyahu a se manter no poder, movendo o regime de Israel mais para a direita e a autocracia.

Trump e Netanyahu enfrentarão eleições adversas este ano. Nos Estados Unidos, em novembro, estará em jogo a maioria governista que garante a ele imunidade na sua trajetória autocrática. Ele pode perder. Já há indicações de problemas em estados tradicionalmente republicanos, seja porque Democratas ameaçam tomar cadeiras Republicanas em alguns distritos, seja porque os Republicanos escolhidos nas primárias do partido estão

contra suas políticas e podem formar um centro independente propenso a votar com os Democratas.

Em Israel, regime parlamentarista, o próprio cargo de primeiro-ministro estará em questão nas parlamentares de outubro. Humores em guerra são voláteis, criam solidariedade, mas dependendo do andamento, aumentam a oposição. O que ajuda Netanyahu é a falta de uma liderança que promova a união.

O novo modo de guerra é cruel e impreciso. Ele evita tropas no chão e recorre a bombardeios com mísseis e drones, em muitos casos guiados por inteligência artificial. Minimiza as vítimas no lado dos atacantes, e massacra civis no outro lado. É uma guerra de demolição indiscriminada, como se viu em Gaza, continua-se a ver na Ucrânia, está acontecendo no Irã e no Líbano. O número de vítimas civis inocentes, muitas delas crianças, mulheres e ido-

sos é desproporcional ao alcance de objetivos militares.

No plano global, as consequências econômicas se acumulam. Há ameaça de crise de suprimentos em várias cadeias importantes. A produção de semicondutores, chips, que depende do gás ultrapuro do Qatar, está em risco porque o fornecimento foi interrompido. O bloqueio do Estreito de Ormuz afeta não apenas a matriz energética dos países, porque os navios dos maiores produtores precisam dessa rota. Alcança a cadeia de fertilizantes, atingindo a agroindústria, no Brasil e nos Estados Unidos. A pressão inflacionária do combustível aumenta em todo o mundo. Os países adotam políticas distintas para lidar com a crise econômica, adicionando mais uma fonte de desequilíbrios na economia mundial.

Trump levantou as sanções contra a Rússia, liberando o flu-

xo do petróleo russo. Abandonou a Ucrânia à própria sorte isolando-se mais da Europa. A guerra de Trump já está sendo paga pelo contribuinte, mas não só. Chegou nas bombas de gasolina e nas prateleiras dos supermercados. Nem ele, nem seus assessores consideraram as sérias consequências econômicas de suas decisões. A alta da inflação piora o quadro eleitoral para Trump. Sua política interna é um desastre, para usar uma expressão que ele saca contra os outros. A sua política externa não é menos desastrosa.

O mundo já enfrenta riscos existenciais de médio e longo prazo. Mas o risco mais imediato é o próprio Trump e os aliados que ele vê se espalharem mundo afora. Todos políticos despreparados e de vocações autocráticas. Como escreveu a historiadora Barbara Tuchman sobre a guerra do Vietnam, “estamos assistindo, mais uma vez, à marcha da insensatez”.